



VOZES QUE ECOAM REPRESENTAÇÃO SOCIAL E EMPODERAMENTO DE MULHERES INDÍGENAS DO MÉDIO SOLIMÕES E AFLUENTES

Débora de Lima Santos¹

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar o papel e o lugar ocupados pela mulher indígena no contexto contemporâneo, por meio das representações femininas presentes nas narrativas orais de mulheres indígenas que atualmente residem no município de Tefé, no estado do Amazonas, e integram a Associação de Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (AMIMSA). O estudo tem como fio condutor os resultados alcançados no âmbito do Projeto Ciência na Escola (PCE), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio do projeto "Imagens, Letras e Sons: Representação Social e Protagonismo Feminino na Cidade de Tefé", cujas produções foram desenvolvidas por alunas de Iniciação Científica Júnior do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Corinto Borges Façanha e sistematizadas em um e-book digital.

Palavras-chaves: Vozes; Mulheres indígenas; Protagonismo; Empoderamento.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar o papel e o lugar de fala que a mulher indígena se insere no contexto atual através das representações femininas presentes em histórias orais de mulheres indígenas que hoje residem na região que compreende o Médio Solimões e seus Afluentes, no estado do Amazonas, e que, integram a AMIMSA (Associação de Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes).

Cujo fio condutor se tem a partir de resultados alcançados no *Projeto Ciência na Escola (PCE)*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), através do projeto *Imagens, Letras e Sons: Representação Social e Protagonismo Feminino na Cidade de Tefé*, colocados em evidência por alunas de Iniciação Científica Júnior, que cursam o Ensino Fundamental II, na Escola Estadual Corinto Borges Façanha, em um E-book digital.

¹ Mestra em Letras e Artes (PPGLA-UEA). E- mail: deboralimas20@gmail

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

2. Desenvolvimento

2.1 Fundamentação teórica

Por meio das narrativas orais o narrador vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo, tende então, a contribuir para a compreensão mais ampla da vida social e, conseqüentemente, das relações de comunicação e cultura articuladas pelos sujeitos narradores e artífices de suas histórias. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito, que aciona sua capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (Le Goff, 2003).

Sobre as representações, Schiele e Boucher (2001), salientam que se trata de construções simbólicas que norteiam as atividades sociais, a partir de elaborações coletivas, e a representatividade é ligada a um conceito de Representação, conforme bem explica Mônica Dowbor (2008): Quando ouvimos falar em “representação” e “representantes”, estamos acostumados logo a pensarmos em políticos eleitos [...]. Aqui, estamos falando de uma forma de representação cujos agentes são permitidos a ter visibilidade em um espaço público, social em que estão inseridos, seja este político ou não. Desta forma, permite-se a possibilidade de acesso a qualquer espaço social.

Quanto à figura feminina e sua representação social, por muito tempo, esta esteve às margens de ter esta possibilidade. Mary Lucy Murray Del Priore – historiadora, escritora e professora brasileira – destaca que foram necessários mais de 200 anos para que elas conquistassem direitos que permitem ter uma representatividade na sociedade, direitos como a livre expressão e o exercício da cidadania. Imersas em um padrão velado pelo patriarcado, construído por um discurso simbólico em uma estrutura inconsciente que organiza valores aos sujeitos sociais.

As mulheres, por sua vez, nesta cultura e tradição social masculina, foram destinadas às responsabilidades do lar, cuidar de filhos, marido e casa, cabendo ao homem, prover o sustento do lar e se preocupar com as questões financeiras. Dessa forma, seguindo uma tradição de uma cultura machista, o homem domina a religião, a política, os pensamentos

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

sociais, culturais e artísticos. A cultura feminina do passado, então inferior, levou as mulheres apenas à relação doméstica e de submissão. Muito distante de ocupar um espaço representativo na sociedade. Tanto no âmbito familiar quanto no social, sem a oportunidade de ser ouvida e de participar de decisões importantes. Conforme salienta Simone de Beauvoir:

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar mulher. Mas que privilégio permitiu essa vontade? (Beauvoir, 1970, p. 81).

Contrário a isso, atualmente esse cenário passa por algumas mudanças, após anos de lutas, conceitos como o empoderamento feminino passam a trazer novas perspectivas ao cenário social feminino, por vários caminhos na sociedade: pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania.

Joice Berth debruçou sobre o tema feminismo, trazendo importantes reflexões sobre o papel da mulher e o conceito de empoderamento para catalisar grandes transformações sociais em momentos importantes da história. Para Berth, o empoderamento é processual e contínuo, um instrumento de emancipação vital para os grupos de oprimidos:

O empoderamento é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. O empoderamento visa a estrada para contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser (Berth, 2019, p. 37).

O que as mulheres buscam com o empoderamento é o seu caráter emancipatório e igualitário para com os homens, de modo a reconfigurar a sociedade patriarcal em que vivem, com seus processos e estruturas que ainda subalternizam a mulher.

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

3. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa fundamenta-se na História Oral como método de investigação e procedimento de coleta de dados. Como instrumento de pesquisa, utilizou-se a leitura e a análise do e-book *Representação Social e Protagonismo Feminino na Cidade de Tefé*, no qual estão registradas narrativas orais de mulheres indígenas pertencentes à Associação de Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (AMIMSA). Essas narrativas constituem as fontes primárias da investigação, possibilitando compreender as representações sociais, o protagonismo feminino e os processos de empoderamento presentes nas experiências de vida das participantes.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, por buscar compreender e descrever, a partir das narrativas das participantes, as diferentes formas de representação, identidade e protagonismo construídas pelas mulheres indígenas em seus contextos sociais e culturais. Os dados foram analisados por meio das narrativas orais transcritas e organizadas no e-book, valorizando as experiências, memórias e percepções das próprias participantes.

A História Oral possibilita que sujeitos pertencentes a grupos historicamente invisibilizados ou pouco representados na história oficial tenham suas vozes reconhecidas, registradas e valorizadas, permitindo a construção de novas interpretações sobre a realidade social. Nesse sentido, "oportuniza ao povo que se movimente e fale por si mesmo. É a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história [...]" (Oliveira, 1997, p. 3). Essa abordagem permite compreender as narrativas não apenas como relatos individuais, mas como importantes documentos históricos, sociais e culturais, capazes de evidenciar as experiências, os desafios e as formas de resistência das mulheres indígenas no município de Tefé (AM).

4. Dados e Análise dos Resultados

Existem várias organizações de mulheres indígenas por todo o Brasil, mas na região do Médio Solimões nunca se teve tanto protagonismo e empoderamento como atualmente, através das mulheres indígenas oriundas das aldeias de Tupã-Supé, município de Uarini,

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

Santa União e Martião, no município de Fonte Boa, residentes atualmente na cidade de Tefé.
Como lemos no e-book:

A AMIMSA (Associação de Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes) foi idealizada por Ercília da Silva Vieira (Tikuna) em 2008, que convidou Maria de Nazaré Mayoruna e Maria Raimunda Gomes (Kambeba), oficialmente são as três fundadoras da associação. Atualmente Eliandra C. Silva Vieira (Tikuna) é vice-tesoureira e também irmã de Ercília Tikuna, vice-presidenta, sendo Nazide Arantes Fernandes (Kokama) atual presidenta (Santos, 2021, p. 23).

5

Mulheres que carregam na própria história de vida a necessidade do empoderamento, construindo possibilidades de protagonizar tais histórias, saindo de uma situação de silenciamento e opressão causada pelos preceitos patriarcais que ainda vivenciam muitas mulheres indígenas. Elas já somam muitas conquistas durante o tempo de existência da associação, como, por exemplo, no combate à violência contra a mulher indígena, e hoje ocupam vários espaços na sociedade, como o assento no COMDIM-Tefé (Conselho Municipal do Direito da Mulher), que tem Ercília Tikuna como a vice-presidente deste Conselho.

De acordo com a narrativa oral descrita no e-book:

A AMIMSA foi a organização indígena a atuar na linha de frente durante a pandemia da Covid-19, orientando e buscando meios para proteger as comunidades e povos indígenas da contaminação, foi também a organização indígena a solicitar os primeiros cursos para técnicos em enfermagem indígena para região do Médio Solimões e Afluentes, através do CETAM, bem como o curso de graduação de licenciatura em formação de professores indígenas formados pela UFAM em outubro de 2020 (Santos, 2021, p. 24).

Tais mulheres, tendo suas aldeias com base social no patriarcado, cuja única figura de representar e protagonizar era o homem, em que a mulher apenas fazia trabalhos que lhe eram delegados, mas não tinha o direito de voz, eram parte de um espaço que não lhes garantia ter participação direta; estavam à margem da representatividade social de seus espaços.

Estas mulheres “cresceram vendo suas mães e outras mulheres de sua aldeia sofrerem violências domésticas e muitas vezes eram reprimidas e silenciadas pelos homens” (Santos, 2021, p. 26). O cenário de violência sofrida por elas foi o estopim e inspiração para a criação da AMIMSA, uma associação que se iniciou do zero com a ajuda de instituições parceiras e das mulheres indígenas das aldeias do Médio Solimões.



**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

A AMIMSA foi criada para dar voz às mulheres indígenas, porque éramos representadas pelos homens e eram eles quem falavam por nós, eles quem diziam o que nós precisávamos, e foi daí que decidimos protagonizar a nossa própria história, mas nos custou um impacto machista muito mais forte ainda, porque fomos taxadas de incapazes pelo fato de sermos mulher, sofremos preconceito, discriminação que partiu dos nossos próprios líderes indígenas, homens que não aceitavam a nossa representatividade, porque queriam continuar decidindo por nós, enfatiza Ercília (Santos, 2021, p. 27).

E a partir de então, foram em busca de conhecimento a respeito de seus direitos, enquanto mulheres, e por meio de muitas ações conseguiram despertar coragem em outras indígenas com o intuito de acolhê-las e passar a lutar junto a elas. Dentre a autonomia e empoderamento destas mulheres está o rompimento de ciclos de violências pelas quais combatem:

Com lágrimas a escorrer por sua face, narram suas histórias, sentem-se orgulhosas em carregar o sangue das mulheres de sua família, sua mãe, sua avó e sua bisavó, todas elas viviam sob o machismo de seus companheiros e pais, vivenciaram na pele a violência de seus pares (Santos, 2021, p. 24).

No entanto, “decidiram que mudariam suas histórias e contribuiriam para que suas filhas jamais passassem por situações do tipo” (Santos, 2021, p. 24), hoje buscam orientar e acolher atuando junto à AMIMSA.

Entre tantas lutas em âmbito regional, a AMIMSA se destaca também em nível de Estado, fazendo parte da Rede de Mulheres Indígenas do Amazonas (MAKIRA ÊTA).

Em 2021, mais de 60 mulheres indígenas do Amazonas foram à Brasília participar da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas do Brasil e entre essas, estavam as protagonistas desta narrativa, representantes da AMIMSA clamavam por seus direitos. Segundo elas, “essa luta não fica só no território das aldeias” (Santos, 2021, p. 28), elas buscam meios para que suas vozes sejam ouvidas para além, para trazerem visibilidade às demais mulheres que tanto almejam seu sucesso e garantia de seus direitos preservados. Como salienta Ercília Tikuna:

Ainda pela dificuldade de nos empoderarmos, buscando a conscientização das mulheres sobre seus direitos, acreditamos que, através do conhecimento, podemos, desta maneira, garantir que mais mulheres possam estar cientes da luta pela efetiva igualdade entre os gêneros em qualquer espaço do qual estivermos fazendo parte, seja em nossa aldeia, seja em outros. Nós nos inspiramos em nós mesmas para seguir em frente na necessidade de existir e não desistir, ocupar os espaços, sermos ouvidas. (Santos, 2021, p. 28).

**IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES**

Assim, para combater a injustiça cultural, é imperiosa uma desconstrução do androcentrismo (padrões culturais que privilegiam as características da masculinidade) que caminha junto com o sexismo cultural (a desvalorização e depreciação de coisas vistas como femininas tomadas como emotivas e irracionais). A solução aqui está baseada na afirmação das diferenças e na valorização das práticas ligadas ao feminismo (Mattos, 2004, p. 147).

7

5. Considerações Finais

O que levaria uma pessoa a dedicar-se ao outro? A buscar conhecimento de direitos e fazê-los conhecidos a outros? Ir às ruas e lutar por tais direitos, não baixando a cabeça diante do desrespeito e da violência contra outras mulheres? Temos esta representação nas mulheres indígenas do Médio Solimões e Afluentes, que hoje compõem a AMINSA.

As mulheres indígenas se configuram em representatividade social e protagonismo feminino no Médio Solimões e Afluentes, ecoando vozes, unindo-se a várias outras mulheres mundo a fora. Ercília atualmente é coordenadora do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Médio Solimões e Afluentes (MRSA), atuando na linha de frente de mais um espaço de cuidados, luta e à vida dos povos indígenas.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. **Historiografia brasileira em perspectiva**. Tradução. São Paulo: Contexto, 2001.
- DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Editora Cortez. 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- OLIVEIRA, Arlete B. de. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Resenha.
- SANTOS, Débora de Lima. **E-book: Representação social e protagonismo feminino na cidade de Tefé**. PCE-FAPEAM. 2021.



IX SEMANA DE PEDAGOGIA e
I ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
NO MÉDIO SOLIMÕES

SCHIELE, Bernard; BOUCHER, Louise. A exposição científica: uma maneira de representar a ciência. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 363-378.

